

Google trabalha na criação de nanopartículas para detectar doenças



O **Google** anunciou estar trabalhando no desenvolvimento de **nanopartículas** com intuito de utilizá-las para identificar alterações bioquímicas no organismo que possam dar sinais de alerta de doenças.

A empresa, com sede em Mountain View na Califórnia, informou que as nanopartículas serão ingeridas por uma **cápsula** e transmitirão as informações sobre as células doentes para um computador equipado com sensores.

Em comunicado divulgado na terça-feira (28), a empresa destacou que as taxas de sobrevivência ao **câncer** dependem em grande parte do diagnóstico precoce da doença e lamentou que em muitos casos, como os de tumores no pâncreas, esses diagnósticos ainda não sejam viáveis.

A *GoogleX*, divisão do *Google* que desenvolveu os automóveis autônomos (sem motorista, freio ou volante), o *Google Glass* e os balões aerostáticos, para levar internet às comunidades remotas, também está trabalhando no projeto das nanopartículas.

"A *GoogleX* está desenvolvendo pesquisas para saber se as nanopartículas no fluxo sanguíneo combinado ao um dispositivo portátil equipado com sensores especiais, podem ajudar os médicos a detectar doenças ainda em fase inicial", afirmou a empresa.

O projeto ainda está em desenvolvimento, os especialistas estimam que pode ser necessário de cinco a sete anos até que se complete. Ainda assim, o *Google* acredita no potencial desta tecnologia. A empresa disse que pode ser possível desenvolver um teste para **detectar enzimas** geradas por placas nas artérias que estejam prestes a explodir e causar um infarto ou acidente vascular cerebral. As nanopartículas devem aderir às células doentes e transmitir informação para os dispositivos portáteis.

O *Google* ressaltou que as tecnologias desenvolvidas nos últimos anos como micro sensores e poderosos microscópios aumentam a esperança de novos sistemas de diagnóstico.

"Antes de existir estas ferramentas, estudar uma doença era como estudar a cultura francesa sobrevoando Paris uma vez ao ano. Era possível ter uma visão superficial, mas não imergir na ação", destacou a empresa.

Fonte: EFE